

---

## A História do Tempo Presente em sala de aula: desafios e possibilidades

Arlindo PALASSI FILHO<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa examinar algumas questões referentes ao ensino de História do Tempo Presente no Ensino Médio, identificando seus desafios e possibilidades. A transitoriedade e complexidade de seus conteúdos, aliadas à multiplicidade de suas fontes, incentivam a reflexão acerca desse tema, exigindo novos olhares e novas metodologias de ensino de História no Ensino Médio sob a perspectiva do tempo presente. Ademais, a relevância conferida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e pelas Diretrizes Curriculares para a Educação formuladas pelos Estados-membros, enfatizando a imprescindibilidade de se problematizar historicamente o tempo presente, contribui sobremaneira para a discussão deste assunto, ensejando sua análise. Neste campo de educação histórica, faz-se premente a construção de novos métodos e práticas educacionais, inclusive mediante a utilização de novos instrumentos tecnológicos e de novos recursos didático-pedagógicos, a fim de auxiliar o professor de História do Ensino Médio a iniciar o aluno na compreensão do tempo presente.

**Palavras-chave:** Ensino de História do Tempo Presente. Ensino Médio. Metodologia.

---

<sup>1</sup> **Arlindo Palassi Filho.** Mestrando em Sociologia Política pela Universidade de Vila Velha (UVV). Especialista em História Cultural pelo Claretiano – Centro Universitário. *E-mail:* <apalassi@hotmail.com.br>.

---

## The History of present Time in the classroom: challenges and possibilities

Arlindo PALASSI FILHO

**Abstract:** This article aims to examine some issues related to teaching History of the Present Time in High School, identifying its challenges and possibilities. The transience and complexity of its contents, allied to its sources multiplicity, encourage reflection on this theme, requiring new looks and methods of history teaching in secondary education from the perspective of the present Time. Moreover, the relevance attached by the National Curriculum Standards and the Curriculum Guidelines for the Education formulated by the Member States, emphasizing the indispensability of historically discuss the present Time, greatly contributes to the discussion of this subject, allowing analysis. In this historical education field, The educational methods and practices are getting old, so that's urgent to build new ones, such as the use of new technological tools, didactic and pedagogical resources in order to help the history teacher of High School teach the student how to understanding the present time.

**Keywords:** History of Present. Time Teaching. High School. Methodology.

---

## 1. INTRODUÇÃO

A partir dos anos de 1970, o tempo presente tornou-se referência não só para a pesquisa acadêmica como também para o ensino de História no Ensino Fundamental e Médio – tanto que os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares para a Educação (BRASIL, 1997) formulados pelos Estados-membros salientaram a imprescindibilidade de se problematizar historicamente o presente.

Dois grandes obstáculos se apresentam à Educação Histórica sob a perspectiva do tempo presente no Ensino Médio brasileiro: a relutância por parte de alguns professores de História do Ensino Médio em apenas abordar o passado em suas aulas e a pouca ou quase nenhuma pesquisa realizada por esses professores acerca do tempo presente.

Essas barreiras, por certo, advêm das precárias condições de trabalho, da pequena carga horária disponível aos professores de História para pesquisarem e trabalharem questões relativas a acontecimentos atuais e do pouco conhecimento teórico para desenvolverem essas problemáticas com suas turmas.

Para amenizar esse quadro, evitando que a Educação Histórica sob o olhar do tempo presente no Ensino Médio brasileiro se torne apenas mais uma falácia ou somente mais um item vão, sem qualquer utilidade teórica e prática para os alunos, é preciso desenvolver uma metodologia de ensino que vise, necessariamente, à construção de uma consciência histórica no aluno, por meio de uma investigação e interpretação crítica dos problemas atuais que lhes afligem. Ao mesmo tempo, é preciso desenvolver uma didática que possa lidar com um período histórico móvel, por meio de atividades pedagógicas diferenciadas daquelas propostas pela metodologia de ensino de História tradicional.

Daí, portanto, a necessidade de se perquirir sobre esse assunto, bem como de se elaborar novos métodos e práticas educacionais, a fim de auxiliar o professor de História do Ensino Médio a iniciar o aluno na análise do tempo presente.

Para tanto, concentramos o problema do presente estudo ao exame das questões mais prementes referentes ao ensino de História do Tempo Presente no Ensino Médio, identificando seus principais desafios e possibilidades.

Por fim, sugerimos uma abordagem de ensino da História do Tempo Presente no Ensino Médio capaz levar o aluno a refletir acerca da realidade e dos problemas da atualidade, temperando com o exame comparativo das rupturas, descontinuidades, mudanças e permanências, simultaneidades e recorrências ocorridas em outros períodos históricos recentes, estimulando a curiosidade e o interesse do aluno.

A partir dessas considerações, este trabalho é constituído de dois capítulos.

O primeiro capítulo procura refletir acerca do ensino de História do Tempo Presente no Ensino Médio, especialmente suas dificuldades e perspectivas.

No segundo capítulo, face à necessidade de se buscar novas metodologias para o ensino de História do Tempo Presente no Ensino Médio, inclusive mediante a utilização de novas tecnologias em salas de aula, propomos um plano de ensino visando à acessibilidade e ao fortalecimento desse importante campo de Educação Histórica, organizando os conteúdos, estratégias e recursos de forma a preparar os alunos a desenvolverem uma noção de cidadania e uma mentalidade crítica da realidade presente.

Finaliza-se o trabalho com a conclusão de que a efetividade e a afirmação do ensino de História do Tempo Presente no Ensino Médio dependem não só da compreensão da real importância dessa seara de ensino histórico, mas também da disposição dos professores de História em realizarem atividades de pesquisa e de extensão, bem como em buscarem novos caminhos metodológicos, a fim de minimizar os entraves próprios da Educação Histórica sob a perspectiva do tempo presente.

---

## 2. HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO À EDUCAÇÃO HISTÓRICA NO ENSINO MÉDIO

Contrariamente ao que parece, as reflexões sobre os fatos do seu tempo sempre foram uma preocupação dos historiadores. Heródoto (2006) e Tucídides (1987), na antiguidade clássica, redigiram suas obras no calor dos acontecimentos, recorrendo aos testemunhos diretos para construir suas historiografias.

Todavia, a partir da segunda metade século XIX, a produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do tempo presente foi desqualificada pela Escola Metódica, que atribuiu como único objeto dos estudos históricos o passado. Para os metódicos, como Seignobos (1863-1929) e Langlois (1854-1942), os historiadores deveriam rejeitar os estudos do mundo contemporâneo e focar suas atenções científicas exclusivamente nas descrições das sociedades passadas e suas metamorfoses (FERREIRA, 2000).

Os historiadores da Escola dos Annales, no primeiro quartel do século XX, bem que tentaram mudar esse regime de historicidade, advertindo que a investigação do passado, na verdade, se orienta a partir do presente (FEBVRE, 1985). Bloch (2001, p. 52) chegou a alertar que “[...] a própria ideia de que o *passado, enquanto tal, possa ser* objeto de ciência é absurda”. Segundo Bloch (2001, p. 65), “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente”.

Walter Benjamin, ainda na metade do século XX, também propôs uma mudança de concepção, inferindo que “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’” (BENJAMIN, 1987, p. 229, grifo do autor).

Apesar dos esforços desses pensadores, somente após o fim da Segunda Guerra Mundial, é que, de fato, verificamos na produção historiográfica um maior interesse pela compreensão do presente. Os traumas sofridos durante a grande guerra, as crises econômicas, a descolonização, a guerra fria, a partilha do mundo, assim como o

acelerado desenvolvimento das comunicações e a elevação do nível de estudo despertaram a atenção dos europeus para os problemas do tempo presente.

Para Costa (2011, p. 38):

Nas últimas décadas do século XX, surgiu, também na França, a História do Tempo Presente, voltada para o estudo do período histórico que inicia com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A diferença, nesse caso, foi a incorporação, no discurso e no estudo da História, da presença dos protagonistas, ainda vivos, e de suas memórias, interagindo com o tempo do historiador, como testemunhos vivos e dinâmicos do passado.

Em 1978, na França, é criado o Instituto de História do Tempo Presente (*Ecrire l'histoire du temps présent*), direcionado aos estudos sobre a história recente. Nessa esteira, Ricouer (*Tempo e narrativa*, 1994), Chauveau e Tétart (*Questões para a história do presente*, 1999), Frank (*Questões para as fontes do presente*, 1999), Bernstein e Milza (*Conclusão*, 1999), Bédarida (*Tempo Presente e Presença da História*, 2006), Rémond (*Por uma história política*, 2006), Chartier (*A visão do historiador modernista*, 2006), todos historiadores franceses, levantam questionamentos fundamentais sobre da História do Tempo Presente.

Na Inglaterra, é fundado pela Universidade de Londres o Instituto Britânico de História Contemporânea (*Institute of Contemporary British History*), voltado à pesquisa do tempo presente, e o renomado historiador inglês Eric Hobsbawn (1993) tece comentários essenciais sobre o tema no artigo *O Presente como História*.

No Brasil, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) cria, em 1994, o Laboratório de Estudos do Tempo Presente. E sob a organização de Gilson Pôrto Jr. (2007) é publicada, em 2007, uma coletânea de artigos dirigidos especificamente à análise histórica do presente intitulada *História do Tempo Presente*.

Assim, a História do Tempo Presente se firma como “[...] a História que vivemos”, que “[...] faz parte das nossas lembranças

---

e de nossas experiências” (RÉMOND, 2006, p. 206). Conforme esclarece Ribeiro (1999, p. 186), é:

Uma história ainda sem fim porque continua em processamento e é passível de transformação uma vez que os seus elementos são características tendenciais e não resultados finais inapeláveis. É uma história que corresponde a um período, o nosso, o que estamos vivendo, um período ainda inconcluso. Uma época cujas características tendenciais passíveis de modificação por causa de suas contradições.

Nesse sentido, a História do Tempo Presente é uma História em construção, uma História ainda por se fazer. Que busca entender com profundidade o tempo presente, suas rupturas, seus paradigmas.

Entretanto, a História do Tempo Presente é um campo da História como outro qualquer, não diferindo em nada de outros domínios da História (BERNSTEIN; MILZA, 1999), visto que “[...] exige igual rigor ou maior do que o estudo de outros períodos: devemos enfatizar a disciplina e a higiene intelectual, as exigências de probidade” (RÉMOND, 2006, p. 206).

De esclarecer, outrossim, que, apesar de muitos historiadores distinguirem História Próxima (respeitante aos últimos trinta anos), História Imediata (geralmente associada ao jornalismo, em constante movimento e imediação temporal) e História do Tempo Presente, advogamos o entendimento de que todas façam parte do mesmo campo historiográfico, razão por que no presente artigo associamos as duas primeiras expressões à última mencionada, porquanto esta se insere na verdadeira pesquisa histórica.

Assim, nos últimos trinta anos, a importância conferida às reflexões historiográficas sobre o tempo presente só vem aumentando, ao ponto de atingir a Educação Histórica do Ensino Fundamental e Médio brasileiro.

De fato, os Parâmetros Curriculares Nacionais – História evidenciam a inserção da abordagem dos conteúdos de História “[...] numa perspectiva de questionamentos da realidade organizada no presente” (BRASIL, 1997, p. 54). Nessa mesma trilha, as Diretrizes Curriculares para a Educação formuladas pelos Estados-membros.

---

A título de exemplo, vale destacar o Currículo Básico –Escola Estadual da Secretaria da Educação do Estado do Espírito Santo, quando destaca como competências comuns à disciplina de História no Ensino Médio (1º ao 3º ano) “[...] comparar problemáticas atuais e de outros movimentos históricos, interpretando-as criticamente e construindo significados sociais, políticos, econômicos e culturais sobre a realidade” (ESPÍRITO SANTO, 2009, p. 84), e como conteúdo básico comum – História “[...] identificar os problemas da comunidade, participando da busca por soluções” (ESPÍRITO SANTO, 2009, p. 87).

Assim, deve o professor de História do Ensino Médio discorrer acerca de problemas contemporâneos, ministrando o estudo histórico das ações e das relações humanas sob a perspectiva do tempo presente.

Por certo, a compreensão da História como ciência em construção e a identificação das principais questões que, no presente, os afligem permitem aos alunos perceber quais relações fazem parte de seu cotidiano, posicionando-os criticamente diante desses fatos. Ademais, a problematização sobre o tempo presente em sala de aula possibilita que os alunos repensem a deturpação e a desinformação da realidade patrocinada pelos meios de comunicação.

Nada obstante, a maioria dos professores de História do Ensino Médio brasileiro reluta em empreender atividades docentes focadas na problematização do tempo presente, permitindo que profissionais de outras áreas do conhecimento humano se imiscuem em seara própria do historiador, por vezes articulando trabalhos desconexos sem o devido rigor científico.

Conforme lembra Fiorucci (2011, p. 114):

Não se trata de afirmar que a reflexão histórica pertence exclusivamente ao historiador (ela pertence a todos), mas sim de evidenciar que, por experiência e disciplina intelectual, os historiadores tentam ser mais críticos e, talvez, mais conscientes dos bons e maus usos do passado, seja este distante ou recente.

Ademais, em nossos dias, é necessário ao educador de História do Ensino Médio alertar seus alunos acerca do constante



---

bombardeio informacional que nos atinge e que contribui para perpetuação do sistema dominante mediante a reprodução de conhecimentos fragmentados, dissimulados e banalizados. Nesse sentido, o ensino de História do Tempo Presente desponta como um contraponto à tentativa da grande mídia de estabelecer “verdades”.

Como adverte Rodrigues (1999, p. 19):

Parece ser inegável a importância da análise histórica para a compreensão do presente e do imediato, sendo irrefutável a viabilidade da sua execução. Entretanto, do exposto até aqui, percebe-se a irresponsabilidade dos historiadores que concedem aos meios de comunicação a tarefa de interpretar os processos atuais. A grande mídia, que obviamente está associada aos interesses das classes dominantes, livremente escolhe quais eventos noticiar, qual ênfase conceder, qual História conformar. Os historiadores perdem o controle sob a construção do conhecimento histórico. Mais do que isso, a mídia fabrica a ‘História-mercadoria’ com extrema potencialidade desinformadora, manipuladora e fundamentada, essencialmente, no sensacionalismo.

Os nossos alunos vivem imersos em uma cultura da imagem, da fugacidade, do imediatismo, confusos frente às mudanças de tempo e espaço, atemporais na contemporaneidade (RIOUX, 1998). Daí a imprescindibilidade do ensino de História, não como mera explicação do passado, mas como reflexão sobre as mudanças do presente (MULLER, 2007).

Consoante ressalta Oliveira (2011, p. 40):

Nada mais perigoso para o profissional da área de história que focar a atenção exclusivamente no passado, deixando que o presente seja interpretado exclusivamente por especialistas de outras áreas. O historiador é um cientista do tempo presente. Deve olhar para o passado apenas e tão somente para interpretar e entender melhor o tempo em que vivemos.

Logo, não pode o professor de História do Ensino Médio se desvincular da reflexão sobre o tempo presente, limitando-se à transmissão do conhecimento acerca do passado, até mesmo por que a História do Tempo Presente “[...] valoriza necessariamente a história que situa o seu objeto em outros períodos, sem a qual

---

carece de importantes instrumentos de análise” (BEBIANO, 2003, p. 2).

Nas palavras de Silva (2006, p. 93-94):

Um primeiro passo na discussão é identificar a História Imediata como uma necessidade do Conhecimento Histórico, em geral, e de seu Ensino, em particular. Sem ela, a noção de tempo histórico se restringe ao puro passado e à origem, mitos tão bem criticados por Marc Bloch. Sem ela, a História ensinada se configura como espetáculo para alunos que não fazem parte da cena – risco epistemológico e político, que reforça argumentos da dominação social: a História se transforma em privilégio de alguns personagens e acontecimentos, os demais são plateia ou cenário. Os limites da História Imediata (infinitude de informações e agentes, possibilidades em aberto) contribuem para entender outros momentos como dotados de situações paralelas, desmontando a imagem daquele ‘espetáculo’ dos passados como inevitabilidade. E a História Imediata se reporta a problemas clássicos de Conhecimento Histórico, desde os pais fundadores gregos: Heródoto e Tucídides não escreviam sobre seu tempo presente?

Portanto, podemos inferir, em um breve exame, que a efetividade e a afirmação do ensino de História do Tempo Presente no Ensino Médio dependem da compreensão do professorado de História da importância dessa seara de ensino histórico. Mas não é só. Além da resistência por parte de alguns professores de História do Ensino Médio em apenas abordar o passado em suas aulas, outra dificuldade se apresenta à prática do ensino de História do Tempo Presente: a pouca ou quase nenhuma pesquisa realizada por esses professores acerca do tempo presente.

De acordo com Oliveira, a “[...] concepção superada e arcaizante, segundo a qual a pesquisa histórica se realiza nos quadros de uma divisão intelectual do trabalho” (OLIVEIRA, 2011, p. 57-58), ou melhor, cabendo aos professores universitários o desenvolvimento das pesquisas e aos professores da Educação Básica a divulgação desses conhecimentos históricos, bem como a resistência desses profissionais do Ensino Médio em problematizar os acontecimentos do seu tempo, cerra as possibilidades de

---

afirmação e difusão do ensino de História do Tempo Presente no Ensino Médio.

De fato, os desafios à produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do tempo presente pelos professores de História do Ensino Médio brasileiro são muitos. Além das precárias condições de trabalho, da pequena carga horária disponível aos professores de História para pesquisarem e trabalharem questões relativas a acontecimentos atuais e do pouco conhecimento teórico para desenvolverem essas problemáticas com suas turmas, outros obstáculos se impõem, como a natureza e a diversidade de fontes históricas sobre o tempo presente; a dificuldade em captar e perceber a mudança ou permanência no tempo presente, dada a sua característica de História inconclusa e provisória; a ausência de distanciamento entre o professor-pesquisador e o objeto estudado; a necessidade de decodificação dos fatos e das informações, ante a sua sonegação e manipulação pelas mídias que as produzem; o choque de mentalidades na compreensão do tempo presente.

Ademais, conforme destaca Silva, “O desafio, nesse estudo, é a separação epistemológica e metodológica daquilo que é memória (identidade coletiva e prática sociocultural) e do que é História (operação intelectual de base científica)” (SILVA, 2011, p. 38).

Apesar das dificuldades elencadas, as cognições sobre a realidade do mundo atual são saberes importantes para estabelecer diálogos com os alunos durante as aulas. Como salienta Freire (1996, p. 25):

[...] ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

O ceticismo é a atitude por excelência do professor-pesquisador em Educação Histórica sob a perspectiva do tempo presente, porquanto deve ele praticar mais a indagação e a crítica que o saber em si. Logo, a pesquisa sobre o tempo presente é condição relevante para a promoção do professor reflexivo.

---

Para tanto, o professor de História no Ensino Médio, além da necessidade de atualizar-se e aperfeiçoar-se constantemente, deve ser um sujeito produtor de conhecimento sobre o tempo presente, participando de projetos de extensão e/ou de pesquisa. Ou mesmo realizando pesquisa bibliográfica, conquanto não limitada aos livros impressos e às incursões as bibliotecas tradicionais. Pois deve também o professor-pesquisador perquirir outras fontes históricas, como a internet, as redes sociais, os *sites* de notícias, os jornais impressos, as revistas, os quadrinhos, as fotografias, as pinturas, o cinema, a televisão, o rádio, a literatura, a música, os *videoclips*, a moda, a cultura, o mundo do espetáculo, os esportes, o consumo, as estatísticas, as fontes orais. Todas essas buscas são também formas de pesquisa.

Por meio da docência da História do Tempo Presente, ancorada na pesquisa, os alunos experimentam o lugar de participantes de um saber que se constrói e reconstrói a todo o instante e compreendem a complexidade do tempo presente.

Como leciona Ramos (2004, p. 37):

[...] pesquisar é cada um participar ativamente da construção do conhecimento daqueles com os quais convive no mesmo processo educativo, investindo no questionamento sistemático e na busca de novos argumentos, novo conhecimento. Nesse processo, é importante enfatizar, não basta comunicar, é preciso argumentar.

Logo, a conversão o professor de História do Ensino Médio em pesquisador do tempo presente é irreversível, pois a necessidade de tornar compreensível para os alunos a dinâmica das sociedades atuais, revelando as relações de dominação e poder subjacentes, é mais que uma obrigação profissional, é um compromisso ético e libertador, já que, conforme salienta Oliveira (2011, p. 39):

[...] mais importante do que levar os alunos a decorar ou recitar essa ou aquela versão ‘correta’ da História é fazer com que eles entendam com quais mecanismos essa ciência trabalha, como produz e valida suas descobertas e de que forma o pensamento histórico pode ajuda-los a entender e a atuar no mundo no qual estão vivendo.

---

Afora a oportunidade de o professor de História do Ensino Médio exercer *in loco* atividades de pesquisa, outras possibilidades se apresentam à prática do ensino de História do Tempo Presente, como: articulação do professor com as vivências dos estudantes; motivação e interesse dos alunos pelo estudo da História; compreensão da ciência histórica como algo em construção, participando o aluno, de algum modo, em sua construção; utilização de novas tecnologias em sala de aula, tanto como recurso didático como fonte de pesquisa; desenvolvimento da capacidade de pensar historicamente a partir da problematização dos acontecimentos e das ideias presentes na cultura e no universo dos alunos; transmissão do conhecimento histórico por meio da reflexão e do olhar crítico sobre os acontecimentos do tempo presente; enfrentamento da cultura do presentismo mediante a introdução de nexos históricos explicativos visando à melhor compreensão da realidade presente; estabelecimento de comparações e identificação das ações discursivas do presente com a do tempo acontecido; noções de temporalidade, transitoriedade e contingencialidade; fornecimento de um quadro conciso das grandes transformações atuais operadas nos domínios do político, do econômico, do social e do cultural; observação da fundamentação histórica de algumas realidades e problemas contemporâneos; estudo de alguns dos processos de construção e representação contemporânea do passado recente; reconhecimento da existência de relações sociais que se estabelecem, no presente, entre coletividades, criando com elas vínculos de identidade e de diferenças; contribuição com respostas para os problemas que hoje nos afligem.

Contudo, mesmo que do cotejo das possibilidades acima listadas se deflua que a problematização do presente venha a abrir novas perspectivas para o ensino de História no Ensino Médio, ainda assim, os professores devem buscar novos caminhos metodológicos, a fim de minimizar os entraves postos à Educação Histórica sob a perspectiva do tempo presente. Seguindo os ensinamentos de Sá, “[...] é necessário que os professores de história forneçam ferramentas teórico-metodológicas para que a formação intelectual dos estudantes esteja de acordo com o tempo em que vivemos” (SÁ, 2009, p. 1).

---

De fato, além das possibilidades da prática do ensino da História do Tempo Presente em sala de aula, pode ainda o professor de Educação Histórica no Ensino Médio efetivar a aplicação de uma metodologia de ensino que objetive mostrar ao aluno um conhecimento histórico que o faça não só identificar os problemas do tempo presente, mas também posicionar-se diante das questões do presente a partir de interpretações críticas sobre a realidade. É o que pretendemos propor no capítulo seguinte.

### **3. UM PLANO DE ENSINO PARA A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE EM SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO**

Para tornar efetiva a construção de uma consciência histórica, formando o aluno como um cidadão crítico e consciente, por meio da problematização do tempo presente, é preciso que a ação pedagógica da disciplina História no Ensino Médio seja, antes de tudo, planejada.

Inicialmente, é preciso demarcar os objetivos da disciplina História sob a perspectiva do tempo presente no Ensino Médio. Estes deverão observar ao menos: o diálogo das demais ciências sociais com o ensino da História; as noções de temporalidade, imediação, transitoriedade e contingencialidade, de rupturas e continuidade, simultaneidades e recorrências, semelhanças e diferenças, passado e presente, proximidade e distância, antigo e moderno, representações e processo; as questões relevantes do presente, ressaltando a importância da consolidação de paradigmas identitários; o reconhecimento das diferentes linguagens e dos novos meios tecnológicos, bem como dos múltiplos olhares e concepções que estão presentes atualmente em nossa sociedade; a formação de uma consciência histórica, necessária nos processos de transformação social, cuja base é o trabalho humano.

Concluídos os objetivos, parte-se para a delimitação das situações de aprendizagem, ou seja, dos conteúdos a serem ministrados em sala de aula: direitos humanos; desigualdade social e exclusão social; diversidade étnica, sociocultural, política e religiosa; discriminação racial; sexualidade, feminismo,

---

movimentos homoafetivos; cultura de massa, cultura popular, multiculturalismo; guerras, revoluções, terrorismos; partidos políticos, lideranças políticas (ou carência de), democracia, corrupção; capitalismo, neoliberalismo, globalização; comunismo; consumismo, alienação, individualismo; crises econômica, ambiental, alimentar; trabalho (inclusive o escravo), desemprego, sindicalismo, greves; movimentos populares e estudantis; ciência, novas tecnologias, corrida espacial; comunidades urbanas, insegurança, drogas, prostituição, tráfico de pessoas, pobreza, fome; agronegócio, reforma agrária; complexidade do cotidiano; nova ordem econômica e social; pós-modernismo. Esses são alguns dos muitos temas passíveis de problematização sob a perspectiva do tempo presente. Face à escassa carga horária, é necessário escolher os assuntos mais importantes para que o professor de História do Ensino Médio tenha a oportunidade de estabelecer as conexões que interliguem o presente com o passado.

Ademais, consoante enfatiza Oliveira (2011, p. 39):

Sob a abordagem da Educação Histórica, os conteúdos devem ser definidos levando-se em conta a realidade prática, concreta, na qual vive o aluno. Devem levar o estudante a desenvolver e aplicar conceitos que o permitam entender a história como processo constituinte da realidade em que ele vive e, dessa forma, lograr a necessária autonomia para pensar historicamente.

Nessa toada, a definição dos temas poderá ser construída juntamente com os alunos, que auxiliarão o professor na escolha dos problemas a serem debatidos em sala de aula. A dialética, como “[...] contradição que se apresenta na realidade objetiva” (TRIVIÑOS, 1987, p. 54), deverá ser utilizada como enfoque dessa discussão.

Finalizadas as situações de aprendizagem (conteúdos e temas), é necessário fixar as competências e habilidades, que, minimamente, devem permitir: analisar os processos histórico-sociais do passado recente aplicando conhecimentos de várias áreas do saber; posicionar-se diante das questões do presente a partir de interpretações críticas do passado recente; identificar características e conceitos relacionados às temporalidades

---

históricas; identificar a pluralidade de linguagens das diferentes fontes históricas, para a compreensão do tempo presente; comparar diferentes explicações para os fatos presentes; analisar os processos de formação históricas das instituições sociais, políticas e econômicas no tempo presente; identificar os instrumentos para ordenar os acontecimentos do tempo presente, relacionando-os a fatores econômicos, políticos e culturais; confrontar formas de interações culturais, sociais e econômicas no atual contexto histórico; analisar, a partir de textos, os atuais processos de transformação histórica, identificando suas principais características econômicas, políticas e sociais; identificar as principais características do atual processo histórico de constituição, transformação e uso dos espaços urbanos; reconhecer a importância de valorizar no tempo presente a diversidade nas práticas de religião e religiosidade dos indivíduos e grupos sociais; identificar propostas que reconheçam em nossos dias a importância do patrimônio étnico-cultural e artístico para a preservação das memórias e das identidades nacionais; reconhecer as formas atuais das sociedades como resultado das lutas pelo poder entre as nações; associar as manifestações culturais do presente aos processos históricos de sua constituição; identificar as principais características dos modelos de representação cartográfica, publicitária e artística do mundo atual; analisar os significados históricos das relações de poder entre as nações, confrontando formas de interação cultural, social e econômica, no contexto histórico atual; associar as manifestações do ideário político contemporâneo às influências históricas; identificar os significados das relações de poder na sociedade atual; reconhecer a importância do uso atual de expressões artísticas para a construção do conhecimento histórico; relacionar o princípio de respeito aos valores humanos e à diversidade sociocultural, nas análises de fatos presentes; posicionar-se criticamente sobre os processos de transformações políticas, econômicas e sociais no contexto histórico presente; conscientizar-se como sujeito responsável pela construção da História; identificar os problemas afeitos à comunidade, participando da tentativa de soluções; confrontar proposições e



refletir sobre processos de transformação política, econômica e social a partir de situações históricas diferenciadas no tempo presente; estabelecer relações entre consumismo e alienação e entre consumismo e negação da solidariedade.

Quanto às estratégias, devem estas ser fixadas na leitura, pesquisa, relatórios, resumos, questionários e outros métodos que surgirem no decorrer do ano letivo. Já em relação aos recursos, podem ser: livros didáticos, livros paradidáticos, apostilas, multimídia. Por certo, podem e devem ser utilizadas múltiplas linguagens e novas tecnologias para ampliar e diversificar o ensino de História do Tempo Presente no Ensino Médio, como: o cinema, o teatro, a televisão, o rádio, a música, os *videoclips*, a dança, os jornais impressos, as revistas, os quadrinhos, as charges, as fotografias, as pinturas, as esculturas, a literatura, a publicidade, a internet, os *blogs*, os *sites* de notícias e de busca, as redes sociais, o celular, o *video game*, a moda, a cultura, o mundo do espetáculo, as exposições artísticas e museológicas, as fontes orais.

Vale aqui frisar as palavras de Costa (2011, p. 148), quando adverte:

No entanto, o desafio a nós apresentado não é só o de trazer algo novo para a sala de aula, mas também o de fazer uso desses meios em benefício do ensino-aprendizagem da História. De nada adianta haver uma quantidade tão grande de recursos à nossa disposição se não houver interesse de nossa parte em fazer diferente, planejar, replanejar, refazer a cada ano nossas aulas. Todos sabemos que é muito trabalhoso inovar, mas o fruto desse trabalho é compensador e nos leva a um ensino-aprendizado de História mais adequado ao nosso tempo.

Importante destacar, ainda, que, no tocante às formas de proceder à Educação Histórica sob a perspectiva do tempo presente, mais prudente é pautar as aulas alternando-se o emprego das técnicas de ensino: expositivas, oficinas, utilização de imagens, recursos audiovisuais, produção textual interpretativa, atividades de pesquisa individual e em grupo, seminários, e outras. Tais alternativas visam escapar à mera reprodução de tópicos inseridos nos livros didáticos adotados pela escola. Assim, é possível construir com os alunos

---

o conhecimento histórico por meio da investigação coletiva do presente, aproximando-os mais dessa temática e estimulando sua criatividade. Como ressalta Cabrini (1987, p. 21), “Essa história que exclui a realidade do aluno, que despreza qualquer experiência da história por ele vivida impossibilita-o de chegar a uma interrogação para a sua própria historicidade”.

A título de exemplificação, pode o professor de História no Ensino Médio iniciar a atividade de ensino de História do Tempo Presente problematizando um dos temas acima listados. Através de questionamentos, pode buscar saber o conhecimento prévio dos alunos a respeito do assunto tratado. Durante as discussões, deve o professor apresentar os conceitos históricos fundamentais, contextualizando-os. Deve, também, levantar hipóteses para a solução do problema e promover a participação dos alunos na busca por essas soluções. Após a exposição e debate desses conceitos trabalhados de forma contextualizada, deve-se dar ênfase à utilização em sala de aula das diversas fontes históricas (acima elencadas), possibilitando ao aluno avaliar criticamente os documentos e as informações, bem como chegar a interpretações e compreensões acerca do tempo presente a partir da análise dessas diferentes fontes.

Quanto à atividade de pesquisa (individual ou em grupo, extraclasse ou em sala de aula), deve consistir na leitura e/ou na investigação de outras fontes (internet, jornais, revistas, entre outras), devendo o professor orientar os alunos como buscar e selecionar os dados, como agrupar as informações e como comparar as diferentes interpretações acerca do mesmo acontecimento. Após coletados os resultados da pesquisa, deve o professor instigar os alunos, mostrando-lhes a necessidade de se questionar e de se criticar as abordagens presentes nos textos selecionados, para assim produzirem suas conclusões escritas. Realizada a produção dos textos, parte-se para a apresentação dos trabalhos, debates, montagens de painel.

Em relação à avaliação, esta deve ser diagnóstica, contínua e cumulativa, por intermédio de aferições diárias, semanais e mensais, lembrando sempre que a prova não é o único instrumento

---

para avaliar o aluno, visto que novas práticas devem ser também incorporadas às atividades pedagógicas. Assim expressam Moreira e Vasconcelos (2007, p. 102):

Além dos instrumentos tradicionais – em particular a prova, [...], – a avaliação, se compreendida enquanto processo, deve ser pensada e praticada de forma a propiciar a identificação das dificuldades dos alunos. Não se trata de identificar os problemas com vista à classificação. Identificá-los durante o processo possibilita repensar a prática de modo a conduzir os alunos à superação de suas dificuldades, promovendo a sua aprendizagem. Nesse sentido, há uma série de atividades que podem ser realizadas, e a sua escolha depende do objetivo que o professor quer alcançar. Algumas atividades feitas em sala de aula podem se prestar a verificar a participação do aluno. É possível empreender a observação do seu esforço e do seu desenvolvimento quando da execução de trabalho individual ou em grupo, sendo imprescindível a apresentação destes para a turma (oral ou escrita). A capacidade de síntese e o domínio de conteúdo requerem expressão escrita ou expressão oral.

Em suma, o ensino e a aprendizagem da História do Tempo Presente no Ensino Médio deverão situar-se na nova realidade, permitindo aos educandos compreender o conhecimento histórico a partir da problematização, contextualização e questionamentos do presente e dos diferentes documentos, atentando para as transformações sociais em curso. Para tanto, deverá o professor de Educação Histórica estar comprometido com o processo educacional crítico e libertador, levando o aluno do Ensino Médio a refletir sobre o presente, por meio da adoção de métodos de ensino e aprendizagem diferentes daqueles usualmente utilizados na escola brasileira, com o emprego de diferentes mídias e linguagens.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um logo caminho ainda precisa ser percorrido para que o ensino de História do Tempo Presente possa, de fato, se afirmar no Ensino Médio brasileiro como um instrumento de libertação pessoal e formador de cidadãos críticos e conscientes. Muitos professores

---

de História do Ensino Médio ainda relutam em empreender atividades docentes focadas na problematização do tempo presente, preferindo concentrar suas atenções exclusivamente às reflexões sobre o passado. Esses professores, ao priorizarem a reconstrução do passado, têm sido bastante omissos no tocante à valorização da História do Tempo Presente.

As precárias condições de trabalho, o pouco conhecimento teórico para desenvolver essas problemáticas com suas turmas e a quase nenhuma pesquisa realizada por esses professores acerca do tempo presente dificultam ainda mais o reconhecimento e a efetividade da Educação Histórica sob a perspectiva do tempo presente no Ensino Médio.

A pouca compreensão acerca da real importância dessa seara de ensino, assim como sobre suas peculiaridades e possibilidades, tem contribuído para a formação de resistências e estereótipos por parte de alguns professores de História do Ensino Médio. Isso em nada contribui para a construção de uma consciência social e política que se faz necessária em nossos tempos.

Para modificar esse quadro, é preciso superar a visão arcaica e superada de parte do professorado de História do Ensino Médio e promover, por meio do ensino, da pesquisa, do debate, a problematização e contextualização das questões afeitas ao tempo presente.

Ademais, é preciso buscar novos caminhos metodológicos, a fim de minimizar os entraves postos à Educação Histórica sob a perspectiva do tempo presente. Só assim estaremos contribuindo para construção da ciência histórica e formando alunos cidadãos cômicos de seu papel como sujeitos históricos e como agentes de transformação social.

Nas palavras de Oliveira, uma questão ainda emerge para os educadores de História do Ensino Médio: “Como o estudo do passado pode contribuir para o entendimento do presente se não temos, de antemão, uma interpretação coerente que nos permita entender esse mesmo presente?” (OLIVEIRA, 2011, p. 16).

---

## REFERÊNCIAS

- BEBIANO, R. *Temas e problemas da história do presente*. 2003. Disponível em: <<http://www.uc.pt/pessoal/rbebianos/docs/estudos/hrecente.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2013.
- BÉDARIDA, F. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 222-232.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERNSTEIN, S.; MILZA, P. Conclusão. In: CHAUVEAU, A.; TÉTARD, P. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 127-130.
- BLOCH, M. *Apologia da história, ou, o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: história*. Brasília, 1997.
- CABRINI, C. (Org.). *O ensino de história: revisão urgente*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CHARTIER, R. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 215-217.
- CHAUVEAU, A.; TÉTART, P. (Org.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999. (História).
- COSTA, A. J. D. *O ensino de história e suas linguagens*. Curitiba: Ibepex, 2011.
- ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Educação. *Currículo básico escola estadual: guia de implementação*. Vitória, 2009.
- FEBVRE, L. *Combates pela história*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- FERREIRA, M. M. História do tempo presente: desafios. *Cultura Vozes*, v. 94, n. 3, p. 111-124, 2000. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/517.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/517.pdf)>. Acesso em: 26 fev. 2013.

FIORUCCI, R. Considerações acerca da história do tempo presente. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 125, p. 110-121, out. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/12565/7985>>. Acesso em: 27 fev. 2013.

FRANK, R. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, A.; TÉTART, P. (Org.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 103-117.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERÓDOTO. *História*. Versão em eBook. 2006. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/historiaherodoto.html>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

HOBSBAWM, E. O presente como história. In: HOBSBAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 243-255.

LANGLOIS, C. V.; SEIGNOBOS, C. *Introdução aos estudos históricos*. Tradução de Laerte de Almeida Morais. São Paulo: Renascença, 1946.

MOREIRA, R. B. S.; VASCONCELOS, J. A. *Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de história*. Curitiba: Ibplex, 2007.

MULLER, H. I. História do tempo presente: algumas reflexões. In: PÔRTO JR, G. (Org.). *História do tempo presente*. Bauru: EDUSC, 2007. p. 17-29.

OLIVEIRA, D. *Professor-pesquisador em educação histórica*. Curitiba: Ibplex, 2011.

PÔRTO JR, G. (Org.). *História do tempo presente*. Bauru: EDUSC, 2007.

RAMOS, M. G. Educar pela pesquisa é educar para a argumentação. In: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (Orgs.). *Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 25-49.

RIBEIRO, L. D. Tempos atuais e história imediata. In: RIBEIRO, L. D. (Org.). *Contrapontos: ensaios de história imediata*. Folha da História, Porto Alegre: 1999. p. 184-185.

RÉMOND, R. Algumas questões de alcance geral à guisa da introdução. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 203-209.

\_\_\_\_\_. Uma história presente. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 13-36.

---

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997. p. 307-334.

RIOUX, J-P. A memória coletiva. In: RIOUX, J-P.; SIRINELLI, J-F. (Orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

RODRIGUES, G. História: uma ciência do presente. In: RIBEIRO, L. D. (Org.). *Contrapontos: ensaios de história imediata*. Folha da História, Porto Alegre: 1999. p. 16-21.

SÁ, A. F. A. *Admirável campo novo: o profissional de história e a internet*. 2009. Disponível em: <[http://www.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3620:admiravel-campo-novo-o-profissional-de-historia-e-a-internet&catid=36&Itemid=127](http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=3620:admiravel-campo-novo-o-profissional-de-historia-e-a-internet&catid=36&Itemid=127)>. Acesso em: 28 fev. 2013.

SILVA, M. Além das coisas e do imediato: cultura material, história imediata e ensino de História. *Dossiê*. p. 82-96, 27 jun. 2007. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/v11n21a07.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/v11n21a07.pdf)>. Acesso em: 26 fev. 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TUCÍDIDES. *História da guerra do peloponeso*. Versão para eBook. 1987. Disponível em: <[www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0041.pdf](http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0041.pdf)>. Acesso em: 25 fev. 2013.

